

Luís Aires-Barros

**EVOCAÇÃO DE ERNEST FLEURY
NO CINQUENTENÁRIO DA SUA MORTE**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

EVOCAÇÃO DE ERNEST FLEURY NO CINQUENTENÁRIO DA SUA MORTE

AUTOR

LUIS AIRES-BARROS

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

ANTÓNIO SANTOS TEIXEIRA
SUSANA PATRÍCIO MARQUES

ISBN

978-972-623-246-9

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa
R. Academia das Ciências, 19
1249-122 LISBOA
Telefone: 213219730
Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt
Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2015
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

EVOCACÃO DE ERNEST FLEURY NO CINQUENTENÁRIO DA SUA MORTE

Luís Aires-Barros

Com a instauração da República em 5 de Outubro de 1910, o ensino em Portugal sofreu mudança radical. No que concerne ao ensino das engenharias, o governo republicano sob o impulso do ministro do Fomento, Brito Camacho, cria em 1911, o Instituto Superior Técnico. É encarregado desta missão um homem notável, Alfredo Bensaúde oriundo de uma família judia açoriana e com provas dadas não só científicas, como pedagógicas.

Pela legislação então promulgada (Decreto nº 163 de 14 de Julho de 1911) o recrutamento de professores obedeceu a regras inovadoras. Previa, inclusivamente, que, desde que não houvesse professores titulares para as cadeiras ordinárias, o Conselho do Instituto podia convidar figuras que não pertencessem ao ensino, mas que fossem de reconhecida competência pela obra ou trabalhos escritos. Prescrevia a lei, como condição do convite, serem os mesmos diplomados por uma Escola Superior, tanto portuguesa, como estrangeira, de comprovada reputação.

Foi assim que o corpo docente inicial do Instituto integrou nomes como Aureliano de Mira Fernandes, eminente matemático que, em 1911 iniciou o ensino de Cálculo Infinitesimal e de Mecânica Racional; António Aboim Inglês engenheiro diplomado na Alemanha que em 1912 começou a reger cadeiras de metalurgia e minas; António Vicente Ferreira, militar com grande vivência de obras públicas no ultramar, que em 1913 começou a ensinar a disciplina de Pontes e Caminhos-de-ferro, Giovanni Costanzo, doutor em física pela Universidade de Nápoles, Francisco Ferreira Roquete, engenheiro, pela Ecole des Mines de Paris, e muitos outros que seria fastidioso citar. O próprio Bensaúde, eminente mineralogista doutorado em Göttingen era professor, para além de dedicado director do Instituto.

Do estrangeiro vieram nomes ilustres de que cito Charles Lepierre, químico eminente, que vivia no país desde 1887. Abram Droz engenheiro mecânico e doutorado pelo prestigiado Instituto Politécnico de Zurique.

Bensaúde cedo pensou em ter o contributo de Paul Choffat para o ensino da Geologia e Paleontologia.

Todavia Choffat, nome inegável na geologia portuguesa, declinou o convite e indicou Ernest Fleury para o substituir.

É assim que em Outubro de 1913 Fleury está em Portugal e no Instituto para ensinar aquelas disciplinas.

É sobre este professor e investigador que, nascido em 1878 (há 130 anos), ensinou em Portugal, no Instituto Superior Técnico, até 1948, ou seja, durante 35 anos, tendo-se jubilado nesse ano, que farei singela evocação. Veio a falecer em 1958, ou seja há 50 anos!

Comemoramos este ano, simultaneamente, os 130 anos do seu nascimento, os 60 anos do seu jubileu pela Universidade Técnica de Lisboa e o meio século da sua morte.

Fleury foi ainda Académico Correspondente Estrangeiro da nossa Academia desde 17 de Março de 1932. No “Parecer” datado de 16 de Março de 1932, presente ao plenário de académicos que elegeram Fleury, o Prof. António Pereira Forjaz afirma, a dada altura: “Fleury é justamente considerado como uma das maiores competências hodiernas na geotectónica do nosso país, ilustrando, simultaneamente, a cátedra e o laboratório e estando a prestar os mais altos serviços à ciência portuguesa”. Logo na sessão desta Academia de 6 de Junho de 1933 apresentou a comunicação “Sur le Carbonifère du nord du Portugal à propos de sa faunule continentale et spécialement des Insectes” inserta nas Memórias da nossa Academia, Classe de Ciências, tomo 1, pp. 203 a 211 de 1937.

Foi também sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa. Foi pela mão de Paul Choffat (e ainda de Ernesto de Vasconcellos e de Massano de Amorim) que Ernest Fleury se torna sócio da Sociedade de Geografia em 1914, no início da sua vinda para Portugal.

Recordo que o Prof. Ernest Fleury desde cedo pertenceu a diversas agremiações científicas. Desde 1905, foi admitido na Société Géologique de Suisse e também na Société Géologique de France. Foi membro da Société Paléontologique Suisse e da Société de Spéléologie de France. Teve acção relevante na Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais onde publicou trabalhos de muito interesse e ampla divulgação. Contribuiu de modo nítido para o período áureo que esta sociedade conheceu na segunda década do século passado.

Evoquemos um pouco a memória deste Homem que ao nosso país dedicou 45 anos da sua longa vida de 80 anos.

Fleury fez parte do notável grupo de professores que, congregados pelo entusiasmo e visão esclarecida de Alfredo Bensaúde, criaram o Instituto Superior Técnico, consolidaram as suas bases e promoveram o seu prestígio como Escola de engenharia e de ciência. É pois um dos pioneiros desta Escola. A sua acção de pedagogo foi tal que dois mestres reputados como Orlando Ribeiro e Décio Thadeu, seus alunos, o recordam em evocações da sua morte tendo-lhe tecido os maiores encómios.

Ernest Joseph Xavier Fleury nasceu em Vernes (Suíça) em 26 de Outubro de 1878. Frequentou as Universidades de Basileia e de Friburgo onde estudou principalmente química, geologia e geografia. Doutorou-se em 1907 na Universidade de Friburgo, na sua Faculdade de Matemática e Ciências Naturais onde obteve o grau de doutor em filosofia natural com a classificação *magna cum laude*.

Merece menção especial que durante o período de preparação da sua tese é contratado por um milionário norte-americano para acompanhar seu filho, desejoso de “adquirir cultura europeia”. Deste modo Fleury viaja por vários países da Europa, vai até à Islândia, estaciona em Paris onde se diploma pela Escola de Antropologia de Paris.

Entre 1908 e 1913, Fleury é professor de Ciências Naturais na *École des Roches* em Verneuil-sur-Avre (França). Aqui torna-se conhecido, pelo modo como instala um gabinete modelo de História Natural e pelo tipo de ensino que ministra, muito baseado na observação directa e minuciosa dos fenómenos da Natureza. Aliás esta sua maneira de investigar ressalta na sua tese de doutoramento sobre “O Siderolítico suíço, contribuição para o conhecimento dos fenómenos de alteração superficial dos sedimentos” onde é patente a observação minuciosa e a interpretação dos fenómenos geológicos actuais.

Estes factos explicam porque Choffat o indica a Bensaúde para professor do IST.

Aliás Bensaúde no contrato que estabelece com Fleury estipula claramente que deveria reger Geologia e Paleontologia em dois cursos separados, assim como assumir a direcção do Laboratório de Geologia, dos trabalhos práticos dos alunos e organizar as colecções de Geologia e Paleontologia portuguesas necessárias à instituição.

É assim que Fleury e os seus alunos calcorreiam o país, permanecem por vários dias nos mais variados locais em trabalhos de campo e, coligindo amostras de rochas e fósseis que transportam para o laboratório, e dão origem ao Museu que depois de ampliado e complementado por Décio Thadeu tomou o nome deste professor que sucedeu àquele na cátedra.

Conheci e trabalhei com o colector que durante anos acompanhou Fleury nas suas expedições científicas pelo país – O Sr. Joaquim Pintassilgo – que nos contava na sua linguagem vernácula, as dificuldades que tivera na colheita e transporte de larga amostragem de rochas para o IST.

Fleury extraordinariamente meticoloso no cumprimento dos requisitos do contrato que estabeleceu com Bensaúde. O melhor testemunho é dado por um aluno, não cursando engenharia, mas que frequentou as suas aulas. Foi ele Orlando Ribeiro. Sigamos o que escreveu em homenagem a Mestre Fleury como o professor era tratado e ficou na memória dos seus alunos e contemporâneos.

“Há vinte e cinco anos (estávamos em 1958 quando Orlando Ribeiro escreveu este texto) depois de terminar os meus estudos de História e Geografia na Faculdade de Letras de Lisboa e desejando aprofundar a minha preparação na última matéria, com o fim de me dedicar à pesquisa e ao ensino superior, frequentei o curso de Geologia que o professor Ernest Fleury então regia, no Instituto Superior Técnico”. (Ribeiro, 1960, p. 303).

“Duas coisas me impressionaram logo neste ensino, em contraste com o que, em duas cadeiras da Faculdade de Ciências (que então já os estudantes de Geografia frequentavam), eu já recebera na mesma matéria: a sua feição prática e o seu carácter nacional. A aula era um constante apelo à observação e a uma exemplificação portuguesa. Toda a parte de estratigrafia era apresentada em torno das formações estudadas no território nacional, dos problemas do nosso mapa geológico, das fácies, distribuição e lacunas dos nossos terrenos, de que o professor mostrava ter um conhecimento directo e profundo. Ribeiro, Delgado, Choffat, os grandes obreiros da geologia portuguesa, eram lembrados a cada passo, para apresentação e discussão das suas contribuições. A Geologia aparecia-nos assim como uma ciência ao mesmo tempo de aspectos gerais da evolução da face do globo e de aplicação regional, permitindo reconstituir, através das vicissitudes da sedimentação, dos movimentos do solo e da erosão, uma imagem cinemática do território nacional. Todo o problema tinha aqui a sua exemplificação, toda a formação nos mostrava uma fácies acessível à nossa observação. Ao contrário de outros ensinamentos, que se alimentam de tratados estrangeiros e nos apresentam principalmente aspectos distantes, que o aluno, no caso corrente, nunca verá com os próprios olhos, tudo o que nós aprendíamos se nos afigurava natural e ao alcance da nossa curiosidade. Só um professor que conhecesse muito bem o nosso território, por o haver percorrido e estudado, e que centrasse as aulas em torno da sua própria experiência e reflexão (e nisto reside a essência do ensino superior) poderia conseguir este resultado. À massa de factos úteis, porque se via a sua aplicação ao estudo de uma matéria ao nosso alcance, juntava-se o sentimento de que não seria impossível trazer contribuição pessoal, porque nos eram indicados os caminhos e os horizontes da pesquisa. (op. cit. p. 304).

E prossegue o Prof. Orlando Ribeiro, agora dando-nos um depoimento impressionante.

“Pode parecer estranho recordar estes factos; não o é se nos lembrarmos que, ao tempo, esta orientação representava o reverso do ensino livresco e estéril que, antes da enérgica reacção empreendida pelos geólogos portugueses, dominava em qualquer das Universidades do país. Não admira por isso que, à excepção desse notável agrupamento, quase todos os que em Geologia ou em Geografia física, nos últimos tempos, contribuíram para o conhecimento do país e do Ultramar, tenham sido discípulos de Fleury e dele recebessem o primeiro estímulo e a orientação inicial. Seja-me permitido lembrar que lhe devo, antes dos estudos que continuei na Universidade de Paris, as

bases da minha educação de campo: a única coisa que, em Portugal, me foi possível aprender de útil para o meu ofício”. (op. cit. p. 305)

Aqui está porque trago até vós a evocação deste nosso mestre, confrade e colega de docência universitária que tanto dedicou à Escola que elegeu para servir dedicadamente.

Acresce que a análise do exemplo de Fleury nos mostra como Bensaúde escolhia cuidadosa e criteriosamente os seus colaboradores.

Em complemento da apreciação que Orlando Ribeiro fez do ensino e investigação pelas décadas de 20 e 30 do século passado, devo referir, ainda que brevemente, o renascimento e florescimento das Ciências da Terra que se deu de seguida. Aí foram actores fundamentais homens maiores desta Academia. Este renascimento germinou na Universidade do Porto onde nasceu a denominada “Escola do Porto” de que foram os principais promotores os Prof. Carrington da Costa, Coteló Neiva e Carlos Teixeira. Sucede que a semente portista aí germinou e se desenvolveu. Entretanto os Profs. Coteló Neiva e Carlos Teixeira trazem a sua dinâmica, o primeiro para a Universidade de Coimbra e o segundo para a de Lisboa. Aí promovem o desenvolvimento das Ciências da Terra nas suas mais variadas facetas: da paleontologia à geologia geral e aplicada. Olhando hoje para o elenco dos nossos pares nos domínios das Ciências da Terra aí encontramos, para além do nosso querido Prof. Coteló Neiva os verdadeiros seguidores daqueles mestres da “Escola do Porto”.

Pelo muito que lhe devo na minha formação, permita-se-me que, aqui, ao lado de Décio Thadeu recorde um nome cimeiro da Cristalografia e Petrologia em Portugal e profundo homem de cultura que foi o Prof. Carlos Fernando Torre de Assunção.

Vejamos agora um pouco da actividade de Fleury nos campos da investigação e de apoio da geologia aplicada a grandes obras de engenharia onde também foi pioneiro.

Chegado a Portugal pela mão de Paul Choffat é com este geólogo que Fleury se inicia no estudo da geologia portuguesa. Dedicou-se especialmente ao estudo do mesoceno-zóico da Bacia Lusitana. Interessa-se pelos fenómenos cársicos em especial do Maciço Calcário – Estremenho. São os fenómenos geológicos actuais que mais o interessam e que originam trabalhos valiosos.

Dos 86 trabalhos publicados que constituem a sua bibliografia referida por Décio Thadeu, de 1903 a 1944, 45 correspondem à sua actividade científica antes da vinda para Portugal.

Farei breves comentários sobre alguns trabalhos relevantes do Prof. Fleury.

Começarei por referir a memória dedicada a “Formes de désagrégation et d’usure en Portugal” publicado em 1919. Trata-se de uma monografia de 147 páginas, contendo 78 fotografias do autor, fora do texto, todas referindo-se a casos portugueses de erosão superficial. Está escrito em francês e é como que a aplicação ao caso português dos vastos conhecimentos do autor sobre o assunto que desenvolveu e que aplicou largamente antes de vir para o nosso país. É como que o resultado das suas grandes peregrinações por todo o território nacional na sua missão de bem o conhecer, estudando-o pormenorizadamente.

Está escrito em linguagem fluente, tem mesmo forte carácter pedagógico entre nós pois é um texto de geomorfologia descritiva e interpretativa das regiões granitóides e cársicas do nosso país.

Ainda no meu tempo de estudante no IST era lido e estudado com afinco e grande proveito.

Já escrito em português e editado em 1921, na Colecção NATURA da Sociedade de Ciências Naturais, publicou a obra “O que pode ler-se na Carta Geológica de Portugal”. Foi obra de referência nas universidades portuguesas onde se ensinava geologia e geografia. É uma leitura viva, condensada, da visão do autor da carta geológica do país, com os conhecimentos da época que nas palavras de Orlando Ribeiro, “contem quadros estratigráficos minuciosos que, durante mais de um quarto de século, se consultaram com proveito” (op. cit. 1960, p. 308). Posso bem confirmar a justeza desta asserção. Permito-me, ainda citar alguns passos desta singela obra justamente referenciada, por alguns professores nacionais. Escreve Fleury (op. cit. pp. 2, 3 e 5): “Aprendem-se catálogos de factos, melhor ou pior coordenados, sem se perceber o verdadeiro método de trabalho: a dedução baseada na observação. A memória supre a inteligência, e a principal bagagem científica é a sua complicada terminologia: a fraseologia substitui e mascara esta ciência”. E prossegue: «Este insucesso dos estudos geológicos não deve ser imputado unicamente aos encarregados do ensino, mas também aos estudantes que, julgando ganhar tempo e diminuir o seu esforço, preferem *decorar* a *compreender*». «A Geologia não é pois, uma ciência de memória, mas sim, explicativa e firmada em observações exactas; o seu cultivo cheio de interesse, é instrutivo e útil, e deve fazer-se principalmente em excursões pelo campo que é o seu laboratório».

Devo referir o significado especial desta publicação que o Prof. Telles Antunes na sua síntese sobre o Ensino da Geologia em Portugal, inclui no seu “Quadro sinóptico” onde refere os marcos principais da evolução deste ensino entre nós.

Há uma terceira obra que referirei: sob o título de “Portugal subterrâneo”, publicou Fleury um ensaio de espeleologia portuguesa, devidamente ilustrado e que é o resultado das suas explorações no que designou por maciço de Porto de Mós, o Maciço Calcário-Estremenho onde se desenvolvem notáveis formas do modelado cársio que o autor descreve e analisa em pormenor.

É um trabalho pioneiro sobre o assunto, publicado em 1925, também na Coleção NATURA.

Estes livros tornaram-se familiares aos alunos de Fleury (e a outros fora do IST) porque eram o resultado da actividade de um professor que conhecia muito bem todo o nosso país, que percorrera e estudara e que centrava o seu ensino em torno da sua própria experiência e reflexão.

Há ainda uma outra faceta da actividade científica de Fleury que salientarei: A despeito de ser um autor com *curriculum vitae* pouco prolixo, teve ainda, a pedido de antigos alunos e depois colaboradores, de fazer estudos de micropaleontologia.

É o Prof. Telles Antunes (ANTUNES, 1992, p. 1006) quem afirma que Fleury realizou os primeiros estudos de micropaleontologia em Portugal. Foram dedicados a foraminíferos neogénicos de Angola e foram publicados em 1923. Ainda em 1924, Fleury descreve foraminíferos do Carbonífero do sul de Portugal.

Este domínio das ciências geológicas foi pouco trabalhado por Fleury, no entanto é um paleontólogo reputado como Telles Antunes que afirma: “Fleury abandonou a investigação paleontológica, sem trabalhar em profundidade uma das suas descobertas mais notáveis, a fauna do Miocénico superior de Carvalhal Novo (Santarém), a mais rica em Portugal, em particular quanto à representação dos equídeos do género *Hipparion*” (ANTUNES, 1992, p. 1007).

Entretanto dá-se um fenómeno interessante de relacionamento entre mestre e antigos alunos. Estes, tornados agentes modificadores da sociedade, impulsionando o seu desenvolvimento sócio-económico, solicitam constante e crescentemente a colaboração de Mestre Fleury. Acresce que as entidades oficiais nomeiam-no para as mais diversas comissões de estudo.

Tenha-se em atenção que Ernest Fleury era um homem austero que vivia no meio (e para) dos seus livros, pedras, microscópios e frascos. Era um homem exigente para com os outros, começando por o ser para consigo.

Merece comentário a sua actividade profissional extra-escolar porque foi muito relevante como sublinha o seu prestígio científico extra-muros e a participação em relevantes estudos de geologia aplicada que se recordam a seguir.

A nível oficial merece referência que em 1929 é nomeado geólogo dos Serviços Geológicos de Portugal. Abandona este cargo cinco anos depois. A partir de 1949 trabalha com estes Serviços Geológicos como “colaborador”.

Em 1939 é nomeado vogal da Comissão de Tratamentos de Águas de Lisboa, posteriormente integra a Comissão de Fiscalização das Obras de Abastecimento de

Água a Lisboa. Entretanto Fleury trabalha sobre hidrogeologia e produz relatórios técnico-científicos sobre a região de Cascais, Estoril, Parede, Carcavelos, sobre o abastecimento de água potável à Figueira da Foz, sobre o abastecimento de água a Évora e estuda em pormenor as águas das aluviões do rio Tejo. Estávamos nos finais dos anos 30 e alvares da década de 40. O problema do abastecimento de água a Lisboa quer das aluviões do rio Tejo, quer das ressurgências dos calcários jurássicos do Alviela, Ota, Olhos de Água e Alenquer estava na ordem do dia. Fleury foi o autor de um número razoável de estudos sobre as condições hidrogeológicas do aproveitamento das águas destes dois grandes conjuntos: as aluviões do rio Tejo e as ressurgências calcárias jurássicas das áreas do Alviela-Alenquer.

A barragem de Castelo do Bode ainda vinha longe!

Mas para além de estudos sobre captações de águas, realiza estudos geológicos sobre fundações.

Entretanto no triénio 1943-45 integra o Conselho Superior de Minas.

Colabora no Plano Geral de Regularização do Rio Liz e seus afluentes e dedica-se ao estudo geológico de locais para a construção de barragens. Entramos na época áurea da construção de barragem no país onde a engenharia portuguesa brilhou. Fleury estudou, só ou em colaboração, locais para a construção de barragens no rio Lima e seus afluentes, no Zêzere (Castelo de Bode, Cabril e Bouçã), no Ocreza (Alvito), na bacia do Sado (Pego do Altar), entre outros.

Esta actividade foi-lhe muito absorvente pelo que se repercutiu na maior escassez de estudos estritamente científicos publicados.

Cronologicamente deveria ter mencionado que ainda no final da década 10-20, Fleury é chamado a estudar as capacidades de regiões do *on-shore* da Bacia Lusitana no que concerne à existência de petróleo. Estuda e produz relatórios sobre a região da Figueira da Foz e ainda sobre a zona litoral entre os paralelos de Cantanhede e de Alcobaça.

Verificamos que é um homem extremamente ocupado, vivendo unicamente para as funções docentes que cumpre com rigor e as de apoio científico-técnico às necessidades do país na retoma da via desenvolvimentista das décadas de 30 e 40 do século passado.

Foi ainda chamado a estudar locais para barragens em Espanha.

Entretanto chegou o chamamento das missões mineiras no ultramar, em especial em Angola.

Deve-se salientar que durante cerca de quatro décadas, a partir dos anos 20, grande parte das contribuições para o conhecimento da geologia de Angola e de Moçambique, ficou a dever-se a alunos de Fleury (do mestre Fleury como era chamado pelos seus discípulos).

Particularmente, em relação a Angola, no período de 1938 a 1942, o Prof. Fleury realizou trabalho em certas áreas mineralizadas do norte deste país, primeiro como consultor da Missão Técnica do Bembe (1938-39) e depois em funções semelhantes, junto dos Serviços de Geologia e Minas de Angola (1941-1942).

Durante as campanhas no terreno, em Angola, em 1941-42, colaborou intensamente no estudo dos jazigos minerais de cobre do Bembe, Mavoio e Zenza do Itombe, bem como dos jazigos de ferro de Mbassa. Prestou ainda colaboração no reconhecimento hidrogeológico do Baixo Cunene. Foi-lhe pedido parecer sobre pedreiras das obras do porto de Luanda, sobre os jazigos de calcários asfálticos dos Libongos. Foi-lhe pedida também colaboração para o estudo das pedreiras fornecedoras dos materiais para as fábricas de cimento do Lobito e de Catumbela.

Verificamos que Fleury se a nível de Portugal está directamente na base de estudos importantes no que concerne ao aproveitamento das águas que vão abastecer Lisboa no período que antecede a tomada de água na barragem do Castelo de Bode, e ainda no referente a estudos de muitas das barragens que se vieram a construir no país na época áurea do desenvolvimento do Estado Novo; em relação a Angola tem, também, papel de realce, nem sempre bem conhecido.

Mesmo antes de se deslocar pela primeira vez a Angola em 1938, em Lisboa estudou diverso material angolano a pedido da plêiade de seus antigos alunos que, na época tomavam em mão o conhecimento e desenvolvimento da indústria mineira de Angola e de Moçambique.

No final do século XIX, a administração colonial portuguesa mostrava pouco interesse pelos trabalhos de cartografia geológica e de prospecção mineira. No que concerne a Angola é, mais uma vez, como na altura sucedeu amiúde, a Sociedade de Geografia de Lisboa, que em 1881, faz chegar ao governo do reino a necessidade de se organizar e enviar a Angola uma expedição idónea de exploração e reconhecimento geológico e mineralógico. Com o advento da República houve recrudescimento do entusiasmo por todos os assuntos ligados ao Ultramar. Aliás na sequência do famigerado ultimato britânico de 1890, causa próxima da implantação da República.

Em 1916, com a nomeação de Bacelar Bebiano para Director dos Serviços de Obras Públicas e de Geologia e Minas de Angola inicia-se era notável no conhecimento geo-mineiro angolano. Em 1921 o Alto-Comissário da República em Angola, general Norton de Matos decretou a criação da Missão Geológica de Angola onde passam a pontificar três nomes cimeiros de discípulos de Fleury e que ao Ultramar dedicaram

toda a sua actividade profissional. Foram eles Alexandre Borges, Fernando Mouta e Henrique O'Donnell.

Os trabalhos de campo foram realizados sob a pressão do tempo, já que Portugal sempre foi acusado nos areópagos internacionais (recordemos a Conferência de Berlim e o triste episódio do Mapa Cor de Rosa) de não conhecer cientificamente os territórios ultramarinos que possuía. Urgia pois publicar cartografia geológica que colmatasse lacunas na carta geológica geral de África. No entanto quer Paul Choffat (que nunca se deslocou ao ultramar português), quer Ernest Fleury publicaram estudos sobre a África de expressão portuguesa.

Fleury, na posse de algumas colecções recebidas da Missão Geológica de Angola, comparou fauna de foraminíferos do Ambrizete com as do Cacucaco tirando conclusões geo-paleontológicas.

Aliás Bacelar Bebiano na sua “Geologia e Riqueza Mineira de Angola” refere estudos de laboratório de Fleury.

O próprio Fleury é autor de uma nota apresentada ao Congresso Internacional de Geologia de 1922.

Brito Camacho, quando Alto-comissário da Republica em Moçambique, solicitou a colaboração de Fleury naquele território. Tal colaboração não se efectivou por questões de natureza burocrática.

Podemos afirmar que a última grande actividade do Prof. Ernest Fleury, agora jubilado, é a dos estudos para o Metropolitano de Lisboa. Como geólogo consultor foi encarregue de todos os trabalhos geológicos dos seus túneis e estações. Como sempre fez em todas tarefas em que foi chamado a colaborar, dedica-se plenamente a este trabalho até aos últimos dias da sua vida.

Se ficamos a dever a Paul Choffat os estudos geológicos sobre o Túnel do Rossio, ficamos a dever a Ernest Fleury o essencial sobre os trabalhos geológicos nos terrenos onde corre o Metropolitano de Lisboa na sua fase pioneira.

Terminarei esta singela evocação do Prof. Ernest Fleury dizendo que ele foi um bom exemplo daquilo que o notável matemático Paul Appell, professor da célebre École Polytechnique de Paris defendia. E cito: « Le propre de l'enseignement supérieur est qu'il doit être donné de première main; l'homme qui le donne doit parler de ce qu'il fait lui-même et non pas de ce qu'il a pu apprendre en lisant des livres ».

Bensaúde também usou esta citação nas suas célebres “Notas histórico-pedagógicas sobre o Instituto Superior Técnico”, de onde, aliás, a tomei para a referir

aqui, congregando dois nomes cimeiros da educação superior no nosso país e que tão bem a levaram à prática na sua vivência pedagógica.

*(Comunicação apresentada à Classe de Ciências
na sessão de 15 de Maio de 2008)*

Bibliografia

- ANTUNES, M. Telles (1989) Sobre a História do Ensino da Geologia em Portugal
Comum.Ser.Geol.Portugal, t. 75 pp. 127-160. Lisboa
- (1992) Sobre a História da paleontologia em Portugal.
In História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal no sec. XX. Pp. 1003-10026. Lisboa.
- BENSAÚDE, A. (1992) Notas histórico-pedagógicas sobre o Instituto Superior Técnico,
181p. Imprensa Nacional. Lisboa
- NUNES, A. F (1991) A investigação geológico-mineria em Angola, 387 p.
ICE. Lisboa
- RIBEIRO, O. (1960) Ernest Fleury e o ensino da Geologia
Bol. Soc.Geol.Portugal. Vol. XIII, pp. 303-308. Porto
- THADEU, D. (1958) Prof. Ernest Fleury
Técnica nº 285, pp. 57-64. Lisboa